ENTRE O INCONSCIENTE E O SAGRADO: INCORPORAÇÕES NA UMBANDA E PRODUÇÃO DE SENTIDO RELIGIOSO

BETWEEN THE UNCONSCIOUS AND THE SACRED: INCORPORATIONS IN UMBANDA AND THE PRODUCTION OF RELIGIOUS MEANING

ENTRE EL INCONSCIENTE Y LO SAGRADO: INCORPORACIONES EN LA UMBANDA Y PRODUCCIÓN DE SENTIDO RELIGIOSO

10.56238/IIMultiCientifica-146

Carlos José de Melo Moreira
Pós-Doutor, Doutor e Mestre em Educação
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: carlos.moreira@ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0006-3116-3760
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9019908682723815

RESUMO
Esta pesquisa investiga as incorporações na Umbanda a partir da relação entre inconsciente, experiência do sagrado e produção de sentido religioso, problematizando interpretações que reduzem o fenômeno religioso à dimensão psíquica. O objetivo é analisar como praticantes da Umbanda interpretam suas experiências de incorporação e articulam dimensões psicológicas, simbólicas e espirituais em suas narrativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, desenvolvida como estudo de caso em um terreiro de Umbanda localizado no interior do Maranhão, com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com dois participantes. O referencial teórico articula contribuições de Freud, Jung, Otto, Eliade, James, Frankl e autores das religiões afro-brasileiras. Os resultados indicam que a incorporação não pode ser reduzida a processos psíquicos, configurando-se como experiência religiosa de mediação com o sagrado, construção identitária e produção de sentidos existenciais.

Palavras-chave: Mediunidade. Experiência Religiosa. Espiritualidade. Ancestralidade. Religiosidade Afro-brasileira.

ABSTRACT
This study investigates incorporation experiences in Umbanda through the relationship between the unconscious, the experience of the sacred, and the production of religious meaning, questioning interpretations that reduce the religious phenomenon to the psychic dimension. The aim is to analyze how Umbanda practitioners interpret their incorporation experiences and articulate psychological, symbolic, and spiritual dimensions in their narratives. This is a qualitative, interpretive study conducted as a case study in an Umbanda terreiro located in the countryside of Maranhão, Brazil, based on semi-structured interviews with two participants. The theoretical framework draws on contributions from Freud, Jung, Otto, Eliade, James, Frankl, and scholars of Afro-Brazilian religions. The results indicate that incorporation cannot be reduced to psychic processes, but rather constitutes a religious

experience of mediation with the sacred, identity construction, and the production of existential meanings.

Keywords: Mediumship. Religious Experience. Spirituality. Ancestry. Afro-Brazilian Religiosity.

RESUMEN
Esta investigación estudia las experiencias de incorporación en la Umbanda a partir de la relación entre el inconsciente, la experiencia de lo sagrado y la producción de sentido religioso, problematizando las interpretaciones que reducen el fenómeno religioso a la dimensión psíquica. El objetivo es analizar cómo los practicantes de la Umbanda interpretan sus experiencias de incorporación y articulan dimensiones psicológicas, simbólicas y espirituales en sus narrativas. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter interpretativo, desarrollada como estudio de caso en un terreiro de Umbanda ubicado en el interior del estado de Maranhão, Brasil, basada en entrevistas semiestructuradas realizadas con dos participantes. El marco teórico articula las contribuciones de Freud, Jung, Otto, Eliade, James, Frankl y autores dedicados al estudio de las religiones afrobrasileñas. Los resultados indican que la incorporación no puede reducirse a procesos psíquicos, sino que se configura como una experiencia religiosa de mediación con lo sagrado, construcción identitaria y producción de sentidos existenciales.

Palabras clave: Mediumnidad. Experiencia Religiosa. Espiritualidad. Ancestralidad. Religiosidad Afrobrasileña.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre inconsciente e experiência religiosa constitui um dos temas mais relevantes e controversos das ciências humanas desde o final do século XIX. A introdução do conceito de inconsciente por Sigmund Freud e seu posterior desenvolvimento por Carl Gustav Jung transformaram profundamente a compreensão da subjetividade humana, deslocando a atenção para dimensões da experiência que escapam ao controle consciente. Sonhos, símbolos, afetos, desejos e imagens passaram a ser compreendidos como elementos fundamentais na constituição da vida psíquica e na produção de significados individuais e coletivos.

Quando aplicado ao fenômeno religioso, o conceito de inconsciente suscita uma questão ainda em aberto: a religião deve ser compreendida apenas como manifestação de conteúdos psíquicos inconscientes ou o inconsciente pode constituir também um espaço de elaboração simbólica, experiência do sagrado e abertura ao transcendente? Essa problematização orienta o presente estudo e dialoga diretamente com os debates contemporâneos sobre religião, subjetividade e produção de sentido.

Freud (1927), ao analisar a religião, compreendeu-a como expressão de desejos inconscientes e como mecanismo psíquico de enfrentamento das angústias humanas. Nessa perspectiva, as crenças religiosas seriam construções simbólicas produzidas pela psique para responder à fragilidade, ao medo e à insegurança diante da existência. Jung (2013), embora reconheça a centralidade do inconsciente, amplia essa interpretação ao propor a noção de inconsciente coletivo, compreendendo os símbolos religiosos como expressões arquetípicas que estruturam a experiência humana. Desse modo, a religião deixa de ser apenas ilusão ou defesa psíquica e passa a ser considerada uma linguagem simbólica fundamental para a integração da personalidade e para a construção de sentido.

Outras abordagens ampliam esse debate ao questionar a redução da experiência religiosa à esfera psicológica. Otto (2007) compreende o sagrado a partir da experiência do numinoso, isto é, do encontro com uma realidade percebida como inteiramente outra, simultaneamente fascinante e perturbadora. Eliade (1992), por sua vez, sustenta que o sagrado constitui uma dimensão específica da experiência humana, irredutível a explicações exclusivamente psicológicas ou sociológicas. James (1995) destaca a importância das experiências religiosas concretas vividas pelos sujeitos, enfatizando que sua análise deve considerar os sentidos que elas produzem na vida de quem as experimenta. Frankl (2008), por fim, contribui para esse debate ao compreender a busca de sentido e a autotranscendência como dimensões fundamentais da existência humana.

Essas discussões assumem especial relevância no contexto das religiões afro-brasileiras, particularmente na Umbanda, em que o transe mediúnico e a incorporação ocupam lugar central na experiência religiosa. Na compreensão umbandista, a incorporação corresponde à manifestação de entidades espirituais que atuam por intermédio do corpo do médium, estabelecendo uma relação entre o mundo material e o plano espiritual. Trata-se de uma experiência corporal, simbólica, comunitária e religiosa, na qual o sujeito interpreta sua vivência como contato efetivo com uma realidade espiritual.

Historicamente, contudo, experiências de transe e incorporação foram frequentemente interpretadas por perspectivas externas como histeria, dissociação psíquica, sugestão coletiva, projeção inconsciente ou manifestação patológica. Embora tais abordagens possam contribuir para a compreensão de certos aspectos psicológicos do fenômeno, elas se tornam insuficientes quando desconsideram os sentidos atribuídos pelos próprios praticantes às suas experiências religiosas. No caso da Umbanda, essa questão torna-se ainda mais complexa em razão dos processos históricos de marginalização, preconceito e deslegitimação das religiões afro-brasileiras.

Conforme argumentam Simas e Rufino (2018), os terreiros produzem saberes próprios, articulando corpo, ancestralidade, memória, espiritualidade e comunidade. Desse ponto de vista, interpretar a incorporação apenas como fenômeno psíquico pode significar a redução de uma experiência religiosa complexa a categorias externas que nem sempre conseguem apreender sua densidade simbólica e existencial. A incorporação, nesse contexto, não se apresenta apenas como alteração de consciência, mas como experiência de mediação entre visível e invisível, humano e sagrado, subjetividade e transcendência.

Diante desse cenário, esta pesquisa propõe investigar as incorporações na Umbanda a partir da tensão teórica entre inconsciente e sagrado, buscando compreender como praticantes interpretam suas experiências mediúnicas e produzem sentidos religiosos para aquilo que vivenciam. Mais do que decidir se a incorporação é um fenômeno psicológico ou espiritual, interessa analisar como essas dimensões se articulam nas narrativas dos sujeitos e de que maneira contribuem para a construção de identidades, pertencimentos e significados existenciais.

A questão norteadora da pesquisa foi formulada nos seguintes termos: como os praticantes da Umbanda interpretam as experiências de incorporação na interface entre inconsciente e sagrado, e de que modo essas vivências produzem sentidos religiosos que desafiam explicações exclusivamente psicológicas ou exclusivamente teológicas do fenômeno?

O objetivo geral consiste em analisar as experiências de incorporação na Umbanda a partir da tensão teórica entre inconsciente e sagrado, compreendendo como os praticantes produzem sentidos religiosos para essas vivências e articulam dimensões psicológicas, simbólicas e espirituais em suas narrativas. Especificamente, busca-se discutir criticamente o conceito de inconsciente e suas relações com a experiência religiosa; compreender como praticantes da Umbanda interpretam e significam suas experiências de incorporação; analisar as aproximações e limites entre explicações psicológicas, fenomenológicas e religiosas do transe mediúnico; e investigar em que medida a incorporação é compreendida pelos participantes como experiência de contato com o sagrado e produção de sentido existencial.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza interpretativa, adotando o estudo de caso como estratégia de investigação. O campo empírico consiste em um terreiro de Umbanda localizado no interior do Maranhão, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois participantes que vivenciam regularmente experiências de incorporação. A escolha dos participantes seguiu critérios de intencionalidade, considerando sujeitos com experiência direta no fenômeno investigado e disponibilidade para narrar suas vivências. As entrevistas foram conduzidas por meio de roteiro aberto, permitindo que os participantes relatassem suas experiências de transe, suas compreensões sobre a presença das entidades espirituais e os sentidos atribuídos à incorporação.

A análise dos dados apoia-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), buscando identificar categorias temáticas relacionadas ao inconsciente, ao sagrado, à mediunidade, à experiência religiosa e à produção de sentido. Complementarmente, a interpretação assume perspectiva fenomenológico-hermenêutica, dialogando com Eliade (1992) e Otto (2007), sem pretender verificar empiricamente a existência ou inexistência das entidades espirituais, mas compreender como tais experiências são vividas, narradas e significadas pelos sujeitos.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de ampliar o debate sobre religião e inconsciente no contexto das religiões afro-brasileiras, ainda pouco exploradas sob essa perspectiva. Ao investigar a incorporação na Umbanda, o estudo contribui para valorizar saberes historicamente marginalizados e para problematizar interpretações reducionistas que deslegitimam essas práticas. Ao mesmo tempo, propõe compreender o inconsciente não apenas como explicação da religião, mas também como possível espaço de simbolização, mediação e elaboração da experiência do sagrado.

Por fim, o artigo está estruturado em cinco partes. A primeira corresponde a esta introdução. A segunda seção discute a relação entre inconsciente e sagrado a partir de perspectivas psicológicas, fenomenológicas e existenciais. A terceira seção aborda as incorporações na Umbanda como experiências que articulam corpo, espiritualidade e produção de sentido religioso. A quarta seção analisa as narrativas dos participantes, evidenciando como interpretam suas experiências de incorporação. Por fim, as considerações finais destacam as contribuições da pesquisa para os debates sobre religião, inconsciente e experiência do sagrado.

2 ENTRE O INCONSCIENTE E O SAGRADO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

A relação entre inconsciente e experiência religiosa constitui um dos temas mais relevantes e controversos das Ciências Humanas desde o final do século XIX. A introdução do conceito de inconsciente provocou profundas transformações na compreensão da subjetividade humana, deslocando a atenção da consciência racional para dimensões psíquicas que escapam ao controle imediato do sujeito. Nesse contexto, a religião passou a ser interpretada não apenas como fenômeno cultural ou teológico, mas também como expressão de processos simbólicos, afetivos e existenciais vinculados à constituição da experiência humana. Contudo, permanece uma questão fundamental que atravessa diferentes tradições teóricas: a religião deve ser compreendida apenas como produto do inconsciente ou o inconsciente pode constituir também um espaço de mediação da experiência do sagrado?

A formulação clássica dessa problemática encontra-se na obra de Sigmund Freud. Ao desenvolver a psicanálise, Freud (1927) propõe uma compreensão da religião como construção psíquica relacionada às necessidades humanas de proteção diante das incertezas da existência. Para o autor, a experiência religiosa está associada a desejos inconscientes que emergem da condição de vulnerabilidade do ser humano frente à natureza, à morte e aos conflitos da vida social. A religião funcionaria, assim, como mecanismo simbólico capaz de oferecer segurança emocional e explicações para questões que escapam ao domínio racional. Em, O futuro de uma ilusão, Freud argumenta que as crenças religiosas são construídas a partir da realização de desejos profundos, especialmente aqueles relacionados à busca de proteção e amparo. Nessa perspectiva, Deus aparece como projeção ampliada da figura paterna, reproduzindo no plano cultural experiências originadas na infância.

A interpretação freudiana representa uma importante ruptura com explicações tradicionais da religião ao deslocar o foco da transcendência para a dinâmica da vida psíquica. O fenômeno religioso deixa de ser compreendido prioritariamente como manifestação do sagrado para ser analisado como expressão de necessidades inconscientes. Tal abordagem contribuiu significativamente para revelar a dimensão subjetiva da experiência religiosa e sua relação com desejos, medos e conflitos humanos. Entretanto, ao explicar a religião predominantemente como ilusão ou projeção psíquica, Freud tende a reduzir sua complexidade simbólica e existencial a uma única matriz interpretativa. Embora sua crítica permaneça fundamental para os estudos da religião, ela se mostra insuficiente para compreender a pluralidade de significados que os próprios sujeitos atribuem às suas experiências religiosas.

Carl Gustav Jung amplia significativamente esse debate ao propor uma compreensão distinta do inconsciente. Diferentemente de Freud, Jung (2013) não restringe o inconsciente ao conjunto de conteúdos reprimidos da história individual. Para ele, existe também uma dimensão coletiva da psique humana, denominada inconsciente coletivo, constituída por arquétipos que atravessam diferentes culturas e épocas históricas. Os arquétipos correspondem a estruturas simbólicas universais que organizam a experiência humana e se manifestam por meio de mitos, símbolos, narrativas e práticas religiosas. Nessa perspectiva, a religião não é apenas expressão de desejos reprimidos, mas uma das formas privilegiadas pelas quais conteúdos profundos da psique se tornam acessíveis à consciência.

A contribuição de Jung para os estudos da religião reside justamente na valorização da dimensão simbólica da experiência religiosa. Para o autor, símbolos religiosos não devem ser interpretados apenas como disfarces de conflitos inconscientes, mas como formas legítimas de expressão de conteúdos psíquicos fundamentais para a constituição da personalidade. A religião desempenharia, portanto, importante função na integração psíquica dos indivíduos, contribuindo para processos de autoconhecimento e individuação. Ainda que mantenha a religião vinculada à estrutura da psique, Jung reconhece sua relevância existencial e sua função social na produção de sentido. Sua abordagem representa um deslocamento importante em relação ao reducionismo freudiano, ao admitir que a experiência religiosa possui valor simbólico próprio e não pode ser reduzida a mera ilusão.

Apesar das diferenças entre Freud e Jung, ambos compartilham a compreensão de que o inconsciente ocupa posição central na constituição da experiência religiosa. A divergência principal reside no modo como interpretam essa relação. Enquanto Freud enfatiza a função compensatória da religião, Jung destaca sua dimensão simbólica e integradora. Em ambos os casos, entretanto, a religião permanece situada prioritariamente no interior da dinâmica psíquica. É justamente diante desse limite

que emergem as contribuições da fenomenologia da religião, interessada em compreender a experiência religiosa a partir daquilo que os sujeitos vivenciam como encontro com uma realidade transcendente.

Entre os principais representantes dessa perspectiva destaca-se Rudolf Otto. Em sua obra clássica, O sagrado, Otto (2007) argumenta que a experiência religiosa não pode ser reduzida a explicações psicológicas, morais ou racionais. Segundo o autor, existe um elemento específico da religião que ele denomina numinoso. Trata-se de uma experiência singular diante de uma realidade percebida como totalmente outra, distinta da experiência ordinária da vida cotidiana. O numinoso manifesta-se como *mysterium tremendum et fascinans*, expressão utilizada por Otto para descrever a combinação simultânea de fascínio e temor produzida pelo encontro com o sagrado. O sujeito sente-se atraído e, ao mesmo tempo, confrontado por algo que ultrapassa sua capacidade de compreensão racional.

A importância da reflexão de Otto está em afirmar a especificidade da experiência religiosa. Em vez de explicar o sagrado a partir de fatores externos, o autor procura compreender suas características próprias. A religião deixa de ser interpretada exclusivamente como produto da psique para ser considerada experiência que se impõe ao sujeito como realidade singular. Embora não negue a participação da subjetividade, Otto argumenta que a experiência religiosa possui qualidades que não podem ser plenamente explicadas por categorias psicológicas. Tal perspectiva amplia significativamente o debate sobre a relação entre inconsciente e religião, ao reconhecer a possibilidade de uma dimensão que transcende os limites da vida psíquica.

Nessa mesma direção, Mircea Eliade (1992) desenvolve uma das mais influentes interpretações fenomenológicas da religião. Para o autor, a experiência humana é marcada pela distinção fundamental entre sagrado e profano. O sagrado manifesta-se por meio de hierofanias, isto é, acontecimentos, objetos ou lugares nos quais uma realidade transcendente se revela aos seres humanos. Essas manifestações estruturam a vida religiosa e oferecem referenciais de orientação existencial. Segundo Eliade, o ser humano religioso organiza sua experiência do mundo a partir dessas irrupções do sagrado, que conferem sentido, ordem e significado à existência.

A contribuição de Eliade torna-se particularmente relevante porque enfatiza que a religião não deve ser compreendida apenas como construção cultural ou psicológica. O sagrado constitui uma dimensão específica da experiência humana, capaz de produzir sentidos que ultrapassam explicações sociológicas ou psíquicas. Ainda que tais explicações sejam importantes, elas não esgotam a

compreensão do fenômeno religioso. A religião aparece como forma singular de relação com a realidade, marcada pela busca de significado e pela abertura ao transcendente.

Outra contribuição importante para esse debate encontra-se na obra de William James (1995). Diferentemente de abordagens centradas em sistemas doutrinários ou instituições religiosas, James direciona sua atenção para as experiências concretas vividas pelos indivíduos. Em, As variedades da experiência religiosa, o autor argumenta que a religião deve ser compreendida a partir dos significados produzidos pelos próprios sujeitos em suas experiências de fé, conversão, oração, êxtase e transcendência. O interesse principal não reside em determinar a verdade objetiva dessas experiências, mas em compreender seus efeitos na vida das pessoas.

A perspectiva de James é particularmente relevante para esta pesquisa porque valoriza a experiência religiosa tal como é narrada pelos sujeitos. Em vez de reduzir o fenômeno a categorias externas previamente definidas, o autor propõe escutar os sentidos produzidos pelos próprios participantes. Essa postura metodológica permite compreender a religião como experiência vivida, reconhecendo a legitimidade das interpretações construídas pelos indivíduos sobre seus encontros com o sagrado.

Complementando esse debate, Viktor Frankl (2008) introduz uma perspectiva existencial centrada na busca de sentido como característica fundamental da condição humana. Para Frankl, o ser humano não é movido apenas por impulsos biológicos ou desejos inconscientes, mas também pela necessidade de encontrar significado para sua existência. Nesse contexto, a espiritualidade constitui uma dimensão fundamental da vida humana, relacionada à capacidade de transcender a si mesmo em direção a valores, propósitos e sentidos.

A reflexão de Frankl oferece importante contribuição para superar a oposição simplificada entre psicologia e religião. Ao reconhecer a existência de uma dimensão espiritual da experiência humana, o autor propõe compreender a religiosidade não apenas como produto da psique, mas como expressão da busca humana por significado. Sua noção de inconsciente espiritual sugere que determinadas experiências religiosas podem emergir das camadas mais profundas da subjetividade sem que, por isso, sejam reduzidas a processos psicológicos. O inconsciente deixa de ser apenas fonte explicativa da religião para tornar-se também espaço de elaboração de experiências existenciais e espirituais.

As perspectivas discutidas evidenciam que a relação entre inconsciente e religião permanece aberta a múltiplas interpretações. Freud e Jung enfatizam a centralidade da vida psíquica na constituição da experiência religiosa, ainda que por caminhos distintos. Otto, Eliade e James destacam

a especificidade da experiência do sagrado, valorizando aquilo que os sujeitos reconhecem como encontro com uma realidade transcendente. Frankl, por sua vez, procura articular subjetividade, espiritualidade e produção de sentido, oferecendo uma perspectiva integradora.

Diante dessas contribuições, esta seção parte do entendimento de que a experiência religiosa não pode ser reduzida nem a explicações exclusivamente psicológicas nem a afirmações dogmáticas sobre o transcendente. O inconsciente pode ser compreendido simultaneamente como espaço de produção simbólica e como possível mediação da experiência do sagrado. Essa perspectiva mostra-se particularmente fecunda para a análise das incorporações na Umbanda, nas quais corpo, espiritualidade, subjetividade e produção de sentido se articulam de forma inseparável. É justamente nesse horizonte teórico que se desenvolve a análise da experiência mediúnica apresentada nas próximas seções.

3 INCORPORAÇÕES NA UMBANDA: CORPO, ESPIRITUALIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDO RELIGIOSO

Esta seção tem como objetivo contextualizar a Umbanda e compreender a incorporação como uma experiência religiosa complexa que articula corpo, ancestralidade, espiritualidade e produção de sentido religioso. Busca-se analisar como essa prática ocupa lugar central na cosmologia umbandista, constituindo-se não apenas como manifestação ritual, mas como experiência de pertencimento, construção identitária e mediação com o sagrado.

A Umbanda constitui uma religião brasileira formada a partir do encontro histórico entre diferentes matrizes culturais e religiosas, especialmente tradições africanas, indígenas, católicas e espíritas. Conforme observa Ortiz (1999), sua constituição não pode ser compreendida como simples soma de elementos distintos, mas como resultado de um processo criativo de reelaboração simbólica que produziu uma tradição religiosa própria, marcada pela pluralidade e pela capacidade de dialogar com diferentes universos culturais. Nesse contexto, a Umbanda desenvolveu formas específicas de compreender a espiritualidade, a relação com os ancestrais e os modos de interação entre o mundo material e o espiritual.

A consolidação da Umbanda ao longo do século XX ocorreu em meio a intensas transformações sociais e culturais da sociedade brasileira. Segundo Prandi (2004), a religião construiu uma linguagem capaz de integrar diferentes referências religiosas sem abandonar suas raízes afro-brasileiras, tornando-se uma das mais importantes expressões da religiosidade popular urbana. Sua expansão possibilitou a

formação de espaços religiosos nos quais experiências de cura, aconselhamento, acolhimento e mediação espiritual passaram a desempenhar função social relevante na vida cotidiana de milhares de praticantes.

Entre os diversos elementos que estruturam a experiência religiosa umbandista, a incorporação ocupa posição central. Na perspectiva dos praticantes, trata-se da manifestação de entidades espirituais que atuam por intermédio do corpo do médium durante os rituais religiosos. Diferentemente de interpretações que a compreendem apenas como estado alterado de consciência ou fenômeno psicológico, a incorporação é vivida como experiência concreta de encontro com o sagrado e de comunicação entre diferentes planos da existência.

Nesse sentido, o corpo assume função fundamental. Na Umbanda, ele não é concebido como simples suporte biológico ou instrumento passivo da experiência religiosa. Ao contrário, constitui espaço privilegiado de mediação entre o humano e o espiritual. Como afirmam Simas e Rufino (2018, p. 45), "o corpo é território de passagem, encruzilhada de saberes e lugar de manifestação das forças encantadas do mundo". A incorporação expressa justamente essa condição de abertura, na qual o corpo se torna espaço de circulação de memórias, energias, ancestralidades e experiências espirituais.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Eliade (1992) acerca das manifestações do sagrado. Para o autor, a experiência religiosa ocorre quando uma realidade transcendente se revela no interior do mundo cotidiano por meio de hierofanias. Embora Eliade não trate especificamente da Umbanda, sua reflexão contribui para compreender a incorporação como experiência na qual os praticantes percebem a presença de uma realidade que ultrapassa os limites da experiência ordinária. O que está em jogo não é apenas uma alteração subjetiva da consciência, mas uma experiência interpretada como encontro efetivo com o sagrado.

A centralidade da ancestralidade constitui outro aspecto fundamental para compreender a incorporação. As entidades espirituais cultuadas na Umbanda, como caboclos, pretos-velhos, crianças e exus, representam mais do que personagens simbólicos ou figuras míticas. Elas expressam memórias coletivas, experiências históricas e formas específicas de compreender a existência. Conforme argumenta Silva (2005), essas entidades constituem referências identitárias por meio das quais diferentes grupos sociais elaboram experiências de sofrimento, resistência, pertencimento e espiritualidade.

Os pretos-velhos, por exemplo, evocam a memória da população negra submetida à escravidão e simbolizam sabedoria, paciência e resistência. Os caboclos remetem à ancestralidade indígena e às

relações de equilíbrio com a natureza. As crianças expressam alegria, espontaneidade e renovação. Já os exus ocupam função particularmente importante como mediadores entre diferentes dimensões da realidade, atuando nas encruzilhadas simbólicas e espirituais da existência. Essas entidades integram um complexo sistema de significados que conecta passado e presente, indivíduo e comunidade, mundo visível e mundo espiritual.

Sob essa perspectiva, a incorporação não pode ser compreendida apenas como fenômeno individual. Trata-se de uma experiência coletiva e culturalmente compartilhada, construída no interior de uma tradição religiosa específica. Como observa Prandi (2004), os rituais afro-brasileiros produzem formas próprias de interpretação da realidade, permitindo que os sujeitos atribuam sentido às suas experiências pessoais e coletivas. A incorporação participa desse processo ao oferecer narrativas, símbolos e referências que orientam a compreensão da vida cotidiana.

Além de sua dimensão espiritual, a incorporação desempenha importante função na produção de sentido religioso. Ao vivenciarem experiências mediúnicas, os praticantes constroem interpretações sobre sofrimento, cura, doença, relações familiares, trabalho, perdas e projetos de vida. A presença das entidades não é compreendida apenas como manifestação espiritual, mas como fonte de orientação ética e existencial. Nesse contexto, a religião oferece recursos simbólicos para interpretar desafios cotidianos e elaborar experiências de vida.

Essa dimensão torna-se particularmente relevante quando observada à luz das discussões desenvolvidas na seção anterior sobre inconsciente e experiência religiosa. Embora elementos subjetivos e processos psíquicos estejam inevitavelmente presentes em qualquer experiência humana, reduzir a incorporação exclusivamente a mecanismos psicológicos revela-se insuficiente para compreender os significados produzidos pelos próprios praticantes. Conforme argumenta Otto (2007), a experiência religiosa envolve uma dimensão específica do sagrado que escapa às explicações puramente racionais e psicológicas. O sentimento do numinoso manifesta-se precisamente na percepção de uma realidade que ultrapassa a esfera ordinária da existência.

A crítica às interpretações exclusivamente patologizantes ou psicologizantes torna-se ainda mais necessária quando se considera a história das religiões afro-brasileiras no Brasil. Durante décadas, práticas mediúnicas foram interpretadas por discursos médicos, jurídicos e religiosos hegemônicos como expressões de atraso cultural, superstição ou desordem mental. Tais leituras contribuíram para processos de marginalização e perseguição dessas tradições religiosas. Conforme destacam Simas e

Rufino (2018), compreender os saberes produzidos nos terreiros exige reconhecer a legitimidade de epistemologias que não se enquadram necessariamente nos paradigmas ocidentais modernos.

Isso não significa negar a contribuição das abordagens psicológicas para a compreensão da experiência religiosa. Ao contrário, elas oferecem importantes instrumentos para analisar dimensões subjetivas presentes na incorporação. Contudo, sua contribuição torna-se limitada quando pretende esgotar o significado do fenômeno. A experiência religiosa envolve simultaneamente dimensões psicológicas, corporais, culturais, comunitárias e espirituais que não podem ser reduzidas a uma única explicação teórica.

Desse modo, a incorporação na Umbanda pode ser compreendida como experiência religiosa complexa que articula ancestralidade, espiritualidade, corporeidade e produção de sentido. Mais do que simples manifestação ritual, ela constitui uma forma específica de relação com o sagrado, permitindo aos praticantes construir identidades, fortalecer pertencimentos comunitários e elaborar interpretações sobre suas trajetórias de vida. Ao reconhecer essa complexidade, torna-se possível superar reducionismos e compreender a incorporação a partir dos significados produzidos pelos próprios sujeitos que a vivenciam.

As reflexões desenvolvidas nesta seção permitem compreender que a incorporação ocupa lugar central na experiência religiosa umbandista, constituindo-se como prática de mediação entre corpo, ancestralidade e espiritualidade. Ao mesmo tempo, evidenciam a insuficiência de interpretações que restringem o fenômeno a explicações exclusivamente psicológicas ou patologizantes. Essas discussões fornecem as bases teóricas necessárias para a análise empírica apresentada na próxima seção, na qual serão examinadas as narrativas dos dois participantes da pesquisa, buscando compreender como interpretam suas experiências de incorporação e de que modo articulam, em suas trajetórias, as relações entre inconsciente, sagrado e produção de sentido religioso.

4 NARRATIVAS DE INCORPORAÇÃO: EXPERIÊNCIAS ENTRE O INCONSCIENTE E O SAGRADO

Esta seção tem como objetivo analisar as narrativas dos dois participantes da pesquisa, buscando compreender como interpretam as experiências de incorporação e como articulam dimensões psicológicas, simbólicas e espirituais na produção de sentido religioso. Mais do que descrever vivências mediúnicas, interessa compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos à incorporação, investigando em que medida tais experiências são compreendidas como manifestações

do inconsciente, experiências do sagrado ou articulações complexas entre ambas as dimensões. A análise fundamenta-se na abordagem qualitativa e interpretativa adotada pela pesquisa e na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), articulada às contribuições da fenomenologia da religião, da psicologia da religião e dos estudos narrativos.

O campo empírico foi constituído por um terreiro de Umbanda localizado no interior do Maranhão. Participaram da pesquisa dois praticantes que vivenciam regularmente experiências de incorporação. Para preservar suas identidades, os participantes são identificados como Participante 1 e Participante 2. As entrevistas semiestruturadas possibilitaram que ambos narrassem suas trajetórias religiosas, seus processos de desenvolvimento mediúnico e os sentidos atribuídos às experiências de incorporação.

Desde as primeiras leituras das entrevistas, tornou-se evidente que a incorporação não ocupa lugar periférico em suas trajetórias religiosas. Ao contrário, ela aparece como experiência estruturante da própria identidade espiritual dos participantes. As narrativas revelam que a mediunidade não é percebida como fenômeno extraordinário ou episódico, mas como dimensão constitutiva da vida cotidiana, influenciando formas de compreender o mundo, interpretar acontecimentos e construir projetos existenciais.

Um primeiro aspecto que emerge das entrevistas refere-se à compreensão da incorporação como experiência de encontro com o sagrado. Ambos os participantes descrevem o transe mediúnico não como perda completa da consciência ou ruptura absoluta da identidade pessoal, mas como experiência singular na qual percebem a presença de uma alteridade espiritual que se manifesta através do corpo. O Participante 1 afirmou que, “durante a incorporação, permanece consciente de parte do que acontece, embora reconheça que não controla plenamente seus movimentos, palavras e gestos”. O Participante 2 apresenta compreensão semelhante ao afirmar que “percebe a aproximação da entidade e experimenta uma sensação de presença distinta da sua própria individualidade”.

Essas narrativas aproximam-se das reflexões desenvolvidas por William James (1995) acerca das experiências religiosas. Para o autor, a experiência religiosa deve ser analisada prioritariamente a partir dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos, e não apenas por explicações externas formuladas por observadores. James (1995, p. 31) afirma que “o valor das experiências religiosas encontra-se nos efeitos que produzem na vida daqueles que as vivenciam”. Sob essa perspectiva, a questão central não consiste em verificar empiricamente a origem objetiva das entidades espirituais, mas compreender como a experiência é vivida e quais transformações produz nos sujeitos.

As narrativas analisadas indicam que a incorporação é interpretada pelos participantes como experiência autêntica de encontro com uma realidade percebida como transcendente. Tal compreensão aproxima-se também das reflexões de Rudolf Otto (2007), para quem a experiência religiosa envolve o encontro com o numinoso, realidade que se manifesta simultaneamente como fascinante e misteriosa. Embora os participantes não utilizem a linguagem conceitual da fenomenologia da religião, seus relatos evidenciam elementos que remetem à experiência do numinoso descrita por Otto, especialmente quando relatam sentimentos de reverência, respeito e transformação decorrentes do contato com as entidades espirituais.

A interpretação da incorporação como encontro com o sagrado também encontra respaldo nas reflexões de Eliade (1992). Segundo o autor, a experiência religiosa ocorre quando o sagrado se manifesta no mundo profano por meio de símbolos, ritos e experiências específicas. No contexto investigado, a incorporação constitui precisamente uma dessas formas de manifestação. O corpo do médium transforma-se em espaço de mediação entre diferentes planos da realidade, permitindo que o sagrado seja experienciado no interior da vida cotidiana. As entrevistas revelaram que os participantes compreendem a incorporação como experiência concreta dessa mediação, atribuindo-lhe significado profundamente religioso.

Entretanto, a incorporação não se reduz à experiência do encontro com o sagrado. As narrativas evidenciaram também sua importância na produção de sentido religioso e na construção da identidade espiritual. Nesse aspecto, as contribuições de Josso (2010) mostram-se particularmente relevantes. Para a autora, as narrativas de vida constituem espaços privilegiados de produção de sentido, nos quais os sujeitos reinterpretam suas experiências e constroem compreensões sobre si mesmos. As entrevistas revelaram que a mediunidade é constantemente mobilizada pelos participantes como elemento central na elaboração de suas trajetórias biográficas.

O Participante 1 relata que “a incorporação permitiu compreender experiências vividas desde a infância que anteriormente pareciam inexplicáveis. Sensações, sonhos e percepções passaram a adquirir sentido à medida que foram reinterpretados à luz da experiência religiosa”.

O Participante 2 apresenta trajetória semelhante ao afirmar que “sua aproximação da Umbanda possibilitou compreender aspectos importantes de sua história pessoal e familiar”. Em ambos os casos, a incorporação emerge como experiência que reorganiza narrativas biográficas e produz novos horizontes de interpretação da própria existência.

Essa dimensão formativa da experiência religiosa também pode ser compreendida à luz das reflexões de Souza (2014), para quem as narrativas constituem processos de subjetivação nos quais os sujeitos atribuem significado às experiências vividas. As entrevistas evidenciaram que a incorporação não é percebida apenas como evento ritual, mas como experiência que contribui para a constituição da identidade religiosa e para a elaboração de sentidos existenciais duradouros.

As contribuições de Viktor Frankl (2008) permitem aprofundar essa análise. Segundo o autor, a busca de sentido constitui uma dimensão fundamental da existência humana. A espiritualidade, nesse contexto, representa importante fonte de orientação existencial. As narrativas dos participantes revelaram precisamente essa dimensão. Ambos associaram a incorporação a processos de crescimento pessoal, fortalecimento emocional e construção de propósitos para a vida. O contato com as entidades é interpretado como fonte de orientação ética e espiritual, influenciando decisões, relações interpessoais e formas de enfrentar desafios cotidianos.

Ao mesmo tempo, as entrevistas revelam tensões significativas entre interpretações psicológicas e interpretações religiosas da incorporação. Em diferentes momentos, os participantes demonstram reconhecer que aspectos psicológicos estão presentes na experiência mediúnica. Ambos admitem que emoções, memórias e processos subjetivos influenciam a vivência do transe. Contudo, rejeitaram interpretações que reduzam integralmente a incorporação a fenômenos psicológicos ou a manifestações do inconsciente individual.

Essa posição revela importante ponto de diálogo com as discussões teóricas desenvolvidas nas seções anteriores. A perspectiva freudiana interpreta a religião como expressão de desejos inconscientes e mecanismos psíquicos de enfrentamento das angústias humanas (Freud, 1927). Sob essa ótica, experiências religiosas poderiam ser compreendidas como projeções simbólicas produzidas pela própria psique. Entretanto, as narrativas dos participantes indicam que essa explicação não é suficiente para abarcar a complexidade da experiência vivida.

Por outro lado, a perspectiva de Jung (2013) oferece possibilidades interpretativas mais amplas. Ao compreender o inconsciente como dimensão produtora de símbolos e significados, Jung reconhece a importância das experiências religiosas para a constituição da subjetividade. Ainda assim, as entrevistas sugerem que mesmo a interpretação junguiana encontra limites quando confrontada com a forma como os participantes compreendem suas experiências. Para eles, as entidades não são percebidas apenas como representações simbólicas ou arquétipos do inconsciente coletivo, mas como presenças espirituais dotadas de existência própria.

Essa tensão evidencia um dos principais resultados da pesquisa. As narrativas não negam a relevância dos processos psicológicos na experiência religiosa, mas recusam explicações exclusivamente psicologizantes. Os participantes constroem interpretações que articulam simultaneamente dimensões subjetivas e espirituais, recusando a necessidade de optar entre uma explicação psicológica ou religiosa do fenômeno.

Nesse sentido, as reflexões de Boaventura de Sousa Santos (2010) oferecem importante contribuição analítica. Ao defender uma ecologia de saberes, o autor questiona a pretensão de determinadas formas de conhecimento de se apresentarem como únicas explicações legítimas da realidade. As narrativas analisadas sugerem precisamente a necessidade de reconhecer a coexistência de diferentes formas de interpretação da experiência humana. A incorporação emerge como fenômeno que desafia fronteiras rígidas entre psicologia, religião e espiritualidade.

Os dados produzidos pela pesquisa indicam que o conceito de inconsciente possui importantes potencialidades para compreender aspectos da experiência mediúnica. Ele permite analisar processos simbólicos, dinâmicas subjetivas e formas de produção de sentido presentes nas narrativas dos participantes. Entretanto, os próprios relatos evidenciam os limites de uma interpretação que reduza integralmente a incorporação a conteúdos inconscientes ou processos psíquicos. A experiência religiosa narrada pelos participantes aponta para dimensões que transcendem a explicação psicológica, sendo compreendida como encontro com o sagrado e relação com uma alteridade espiritual.

Assim, a principal contribuição desta seção consiste em demonstrar que as experiências de incorporação analisadas situam-se em uma zona de fronteira entre inconsciente e sagrado. As narrativas evidenciam que essas dimensões não se apresentam como categorias mutuamente excludentes, mas como elementos que se articulam na produção de sentido religioso. A incorporação emerge como experiência complexa que envolve processos subjetivos, construções simbólicas, pertencimento comunitário e vivências de transcendência.

Conclui-se, portanto, que as narrativas dos participantes desafiam interpretações simplificadoras do fenômeno mediúnico. A incorporação não pode ser reduzida nem a um processo exclusivamente psicológico nem a uma afirmação dogmática sobre o transcendente. Trata-se de uma experiência multifacetada que articula corpo, subjetividade, espiritualidade e produção de sentido. Ao evidenciar essa complexidade, a análise contribui para ampliar a compreensão das relações entre religião e inconsciente, indicando que o inconsciente pode ser compreendido não apenas como origem

dos símbolos religiosos, mas também como espaço de elaboração e mediação da experiência do sagrado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como praticantes da Umbanda interpretam as experiências de incorporação na interface entre inconsciente e sagrado, investigando em que medida tais vivências podem ser compreendidas como manifestações psíquicas, construções simbólicas ou experiências religiosas de contato com o transcendente. Partiu-se da questão norteadora da pesquisa, a saber: como os praticantes da Umbanda interpretam as experiências de incorporação na interface entre inconsciente e sagrado, e de que modo essas vivências produzem sentidos religiosos que desafiam explicações exclusivamente psicológicas ou exclusivamente teológicas do fenômeno?

A análise teórica e empírica desenvolvida ao longo da pesquisa permitiu concluir que as incorporações na Umbanda constituem experiências complexas que não podem ser reduzidas a interpretações exclusivamente psicológicas nem compreendidas apenas por meio de afirmações dogmáticas sobre a transcendência. As narrativas dos participantes revelaram que a incorporação é vivida como experiência concreta de encontro com entidades espirituais, produzindo efeitos significativos na construção da identidade religiosa, na elaboração de sentidos existenciais e na organização da vida cotidiana.

Os resultados evidenciaram que a incorporação ocupa função central nas trajetórias religiosas dos participantes, sendo interpretada como experiência de acolhimento, orientação espiritual, autoconhecimento e fortalecimento pessoal. Mais do que um fenômeno ritual, a mediunidade aparece como elemento estruturante da experiência religiosa, influenciando formas de compreender a realidade, interpretar acontecimentos e construir projetos de vida. Nesse sentido, a incorporação mostrou-se profundamente vinculada à produção de sentido religioso, aspecto que aproxima os resultados das reflexões de James (1995) e Frankl (2008), para os quais a experiência religiosa deve ser compreendida também a partir dos significados produzidos pelos próprios sujeitos.

A pesquisa demonstrou igualmente que as explicações psicológicas oferecem contribuições importantes para a compreensão do fenômeno. As perspectivas de Freud (1927) e Jung (2013) permitem reconhecer a presença de processos subjetivos, simbólicos e inconscientes envolvidos na experiência religiosa. Entretanto, os dados produzidos no campo indicam que tais interpretações não esgotam os sentidos atribuídos pelos praticantes às suas vivências. Os participantes reconhecem a

existência de dimensões internas e subjetivas na incorporação, mas compreendem suas experiências primordialmente como relações efetivas com uma realidade espiritual que transcende a esfera individual.

Nesse aspecto, as contribuições da fenomenologia da religião mostraram-se particularmente relevantes. As reflexões de Otto (2007) sobre o numinoso e de Eliade (1992) sobre a manifestação do sagrado oferecem instrumentos teóricos capazes de compreender a incorporação como experiência religiosa específica, vivida pelos sujeitos como encontro com uma alteridade percebida como real. A análise das entrevistas evidenciou que o sagrado não aparece apenas como crença abstrata, mas como experiência concreta que se manifesta por meio do corpo, do rito, da comunidade religiosa e da relação com as entidades espirituais.

Um dos principais resultados desta pesquisa consiste precisamente na constatação de que o conceito de inconsciente não precisa ser compreendido apenas como explicação causal da religião. Os dados sugerem a possibilidade de concebê-lo também como espaço de elaboração simbólica e de mediação da experiência religiosa. Tal compreensão não implica afirmar a existência objetiva do transcendente nem negar a relevância dos processos psicológicos, mas reconhecer que as experiências religiosas produzem significados que ultrapassam interpretações exclusivamente reducionistas.

Ao deslocar o foco da discussão da pergunta sobre a origem da religião para a análise dos sentidos produzidos pelos praticantes, esta pesquisa contribui para ampliar os debates contemporâneos sobre religião e inconsciente. Em vez de interpretar a incorporação apenas como produto da psique ou apenas como evidência do sobrenatural, o estudo propõe compreendê-la como experiência situada na intersecção entre subjetividade, cultura, espiritualidade e produção de sentido.

Além disso, a pesquisa contribui para os estudos sobre Umbanda ao valorizar as narrativas dos próprios praticantes e reconhecer a legitimidade dos saberes produzidos nos contextos religiosos afro-brasileiros. Em um cenário ainda marcado por preconceitos e por formas de desqualificação epistemológica das religiões de matriz africana, compreender a incorporação a partir das experiências dos sujeitos constitui também um exercício de reconhecimento da pluralidade dos modos de conhecer e interpretar o mundo.

Conclui-se, portanto, que as incorporações na Umbanda configuram experiências religiosas complexas nas quais inconsciente e sagrado não aparecem como categorias necessariamente opostas. As narrativas analisadas indicaram que essas dimensões se articulam na produção de sentidos religiosos, identidades espirituais e formas de relação com a transcendência. Ao evidenciar essa

complexidade, o estudo contribui para fortalecer o diálogo entre Ciências da Religião, Psicologia da Religião e estudos sobre religiões afro-brasileiras, reafirmando a necessidade de abordagens capazes de acolher a riqueza e a pluralidade das experiências religiosas contemporâneas.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. [1927]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JAMES, William. As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2010.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OTTO, Rudolf. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Orixás da metrópole: Umbanda e identidade religiosa em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Salvador: EDUFBA, 2014.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.